

KUSCHNIR, Karina. 2000.
O Cotidiano da Política. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 162 pp.

**Christine de Alencar
Chaves**

Por ser fato corrente que as esperanças e desesperanças dos cidadãos materializem-se em mandatos políticos, nos sucessivos períodos eleitorais, a leitura de um livro cujo tema é *O Cotidiano da Política* torna-se uma excelente oportunidade para a reflexão sobre os elos entre esse momento singular que é a eleição, quando os eleitores tornam-se cidadãos ativos, e o *continuum* da política, criado e exercido por aqueles que fazem dela uma atividade profissional. Ao apresentar o desenvolvimento da carreira política de uma vereadora do Rio de Janeiro, em suas campanhas e mandatos, o livro de Karina Kuschnir ajuda a iluminar esse enigma que o processo eleitoral sempre parece propor. O estudo de uma carreira política particular, ao contrário do que se poderia presumir, mostra-se capaz de revelar padrões mais gerais da política brasileira, desse modo apresentando também as vantagens de uma abordagem antropológica cuidadosa, tal qual realizada por Karina Kuschnir em seu livro.

Uma versão modificada da tese de doutorado da autora, *O Cotidiano da Política* possui os méritos de um trabalho acadêmico bem realizado sem, contudo, exigir do leitor conhecimento especializado e sem sobrecarregá-lo com o jargão profissional. Passando do caráter cíclico das eleições ao exercício cotidiano da política, o livro termina por apresentar os nexos de sentido que vinculam o voto e o mandato, eleitores e candidatos a partir das concepções compartilhadas a respeito da política. Na trajetória de um político profissional bem-sucedido, encontram-se os valores sociais que o qualificam como representante e balizam o exercício do seu mandato político. No contexto da metrópole, cultural e socialmente multifacetada, o político profissional é apresentado como um “mediador de alianças” e “intérprete cultural”. Sobretudo, ele é um mediador por constituir

uma ponte entre o poder público, ou melhor, entre os bens e serviços públicos e os eleitores.

Desse modo, o estudo de Kuschnir explicita a vigência de práticas tradicionais da política brasileira no coração de uma de suas maiores cidades. Sem recair em julgamento do que poderia ser classificado como um “clientelismo urbano”, o trabalho de Kuschnir mostra como se constitui essa relação entre político e eleitor e o modo como ela é por eles percebida e legitimada. Embora convivendo em tensão com outras visões a respeito da atividade política, a percepção do político como aquele que possui “acessos que não têm preço” expressa um universo de significação representativo, orientador de escolhas eleitorais e de práticas políticas correntes. Tratando da trajetória de Marta Silveira, nome fictício de uma vereadora considerada “fenômeno” eleitoral, Kuschnir mostra o processo de constituição de sua carreira a partir de uma biografia que se estende ao passado, como herança política, e se desdobra no presente através da aquisição de um *nome* próprio em campanhas e mandatos. Como dois terços dos vereadores da cidade, Marta Silveira construiu sua carreira com votação concentrada em uma área restrita, neste caso um subúrbio do Rio de Janeiro e seus arredores. O fenômeno eleitoral estudado por Kuschnir é, portanto, representativo de um certo modo de fazer e de conceber a política, como outros trabalhos de Antropologia da Política têm mostrado em diferentes circunstâncias e contextos.

Uma característica recorrente identificada em outras pesquisas, o político profissional apresenta-se como igual – compartilha valores e projetos – ao mesmo tempo em que é percebido como diferente – possui os meios que tornam acessíveis os benefícios públicos. A relação que se estabelece entre o político e o eleitor é de troca, pautada pelos clássicos requisitos morais, identificados por Marcel Mauss, de obrigação e aparente desinteresse. Mas o cargo e a investidura política, colocados nos termos acima aludidos, criam o desigual e constituem a relação como uma “reciprocidade hierárquica”, uma relação pautada pela subordinação. O trabalho de Kuschnir tem o mérito de apresentar os elementos simbólicos desse universo no enquadramento de uma grande cidade como o Rio de Janeiro. Um dos recursos empregados pela autora é a exposição das categorias que organizam essa província de significação em meio ao entrecruzamento de tradições culturais e visões de mundo que é a metrópole.

Nos termos dos atores estudados por Kuschnir, o político é alguém que se distingue pelos *acessos* conquistados através do mandato. Mas o termo possui conotações mais abrangentes, como explica a autora: “O *acesso* define as noções de *política* (‘onde se tem acessos’), de *poder público* (segundo os níveis de acesso), assim como a identidade do *político* (aquele que tem ‘bons acessos’)”. Através

dos acessos privilegiados que detém, o político pode prestar o *atendimento* à população, ou antes, a seus eleitores. Estes definem sua *área*, que é tanto uma região da cidade como a rede de relações que o político nela tece. Mas as relações que o político firma estendem-se para além de sua *comunidade*, conformando rede que se desdobra nas diversas instituições públicas, no setor econômico privado, assim como no âmbito propriamente político. Com isso ele estabelece uma rede de alianças igualmente firmadas – como na relação político-eleitor – pela troca. Regidas pela relação pessoal, as trocas que constituem essas relações de aliança são concebidas segundo o código afetivo da amizade.

O trabalho de Kuschnir implicitamente aponta, assim, para a atualidade das interpretações presentes na obra de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. Mas a autora tem o cuidado de indicar os limites no emprego de classificações genéricas como “relações pessoais” e de sugerir a necessidade de realizar distinções que enunciem a sua diversidade: alianças, apadrinhamento, amizade, patronagem, parentesco. Como ocorre sempre, é na sutileza das distinções que se encontra o aumento da acuidade da investigação, e a realização de seu dever de perquirição assim como de suas possibilidades criativas. Essas qualidades o trabalho de Kuschnir apresenta ao retratar o universo simbólico dos Silveira e daqueles que os tornaram, pelo voto, em personagens sociais significativas. Como outros trabalhos dedicados à pesquisa de campanhas para cargos majoritários mostram, tratando de candidatura parlamentar eleitoralmente bem-sucedida, *O Cotidiano da Política* exemplifica como as eleições se constituem como momentos privilegiados de construção e reconstrução de representações sobre a cidade e a política. Representações que se atualizam no exercício contínuo da atividade política durante os mandatos, permitindo conhecer os processos simbólicos presentes nas múltiplas relações sociais que os políticos profissionais tecem cotidianamente e que ajudam a compreender o enigma que se renova a cada novo ciclo eleitoral.

Christine de Alencar Chaves. Doutora em
Antropologia Social (UnB), professora da UFPR